



CAUSAS DENOMINATIVAS NA CATEGORIA DOS *CRONOTOPÔNIMOS*: OS NOMES DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS

DENOMINATIVE CAUSES IN CHRONOTOPONYMS: THE NAMES OF BRAZILIAN MUNICIPALITIES

Anna Carolina Chierotti dos Santos Ananias¹
Marilze Tavares²

Resumo: Em estudos da toponímia brasileira, um dos procedimentos mais utilizados pelos pesquisadores quanto à análise dos nomes geográficos é a aplicação de um modelo taxionômico. O modelo de Dick (1990b), que tem como objetivo a classificação dos elementos motivadores de forma objetiva e de uma perspectiva sincrônica, inclui, por exemplo, a categoria dos *cronotopônimos* – topônimos com indicadores cronológicos representados pelos adjetivos novo(a) e velho(a). Quando se deseja evidenciar as causas específicas – que envolvem as razões do denominador – é necessário o levantamento de pelos menos alguns aspectos da história do acidente geográfico nomeado, isto é, a perspectiva passa a ser diacrônica. O objetivo do estudo apresentado neste texto é demonstrar que em uma mesma categoria, as causas denominativas, apesar de específicas para cada designativo, podem ser sistematizadas e divididas em grupos conforme seu conteúdo semântico. Para isso, toma-se a lista de nomes de municípios brasileiros disponibilizada pelo IBGE e separam-se os 137 considerados *cronotopônimos*; na sequência, investigam-se aspectos da história de cada município (especialmente a partir do Portal Cidades@ do IBGE e dos sites oficiais de cada município). No que se refere às reflexões teóricas, parte-se dos estudos de Lognon (1920), Dauzat (1947) e Dick (1990a, 1990b, 1999). A pesquisa evidenciou como principais causas denominativas dos *cronotopônimos* as seguintes: a) um aglomerado humano já nomeado, após atos administrativos, passa à categoria de município e inclui o adjetivo novo(a) para marcar um outro momento da história do seu desenvolvimento; b) o município recebe o nome em referência a outra cidade, estado, país etc. e, para evitar a homonímia de topônimos, inclui-se o adjetivo novo(a). Além dessas, outras causas denominativas estão descritas no artigo.

Palavras-chave: cronotopônimos; causas denominativas; municípios brasileiros.

Abstract: In studies of Brazilian toponymy, one of the procedures most used by researchers in the analysis of geographical names is the application of a taxonomic model. Dick's (1990b) model, which aims to classify motivating elements objectively and synchronically, includes, for example, the category of chronotoponyms: toponyms with chronological indicators represented by the adjectives *new* and *old*. When highlighting the specific causes, which involve the reasons for the denominator, it is necessary to find out at least some aspects of the history of the named geographical feature; that is, the perspective becomes diachronic. The objective of this study is to demonstrate that in a category like the one analyzed here, the denominative causes, although specific for each designative, can be systematized and divided into groups according to their semantic content. For this, the list of names of Brazilian municipalities, published by IBGE, was consulted and 137 chronotoponyms were selected. Then, aspects of the history of each municipality were investigated (especially from IBGE's Cidades portal and the official websites of each

¹ Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Paranavaí, PR, Brasil. annachierotti@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4752-2004>

² Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, MS, Brasil. marilzetavares@ufgd.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5874-2635>

municipality). With regard to theoretical reflections, the study draws on Lognon (1920), Dauzat (1947) and Dick (1990a, 1990b, 1999). The main denominational causes of chronotonyms were found to be: a) when a human settlement which has already been officially named is promoted to the category of municipality, it adds the adjective *novo/a* (new) to mark a new time in the history of its development; b) when a municipality is named after another city, state, country, etc., it includes the adjective *novo/a* (new) to avoid homonymity. In addition to these, other causes are described.

Keywords: chronotonyms; denominational causes; Brazilian municipalities.

INTRODUÇÃO

Classificar os nomes geográficos conforme um modelo taxionômico pré-estabelecido é um dos procedimentos adotados pelos pesquisadores que se ocupam de estudos toponímicos. Para isso, em geral, costumam-se analisar algumas propostas de classificação e optar por uma, tendo em vista, por exemplo, que essas propostas podem ter sido concebidas para realidades geográficas distintas. No Brasil, quando se pretende estudar um conjunto de topônimos a partir de uma taxionomia, opta-se, com frequência, pela da toponimista brasileira Dick (1990b).

Partindo-se do pressuposto que um modelo para a classificação de topônimos deve ser entendido, conforme já alertara Dick (1990b, p. 26), como um instrumento para aferição objetiva da motivação dos nomes geográficos, este estudo tem como objetivo evidenciar que uma das categorias do modelo mencionado – *cronotopônimos* (formados com os adjetivos *novo(a)* e *velho(a)*) – pode apresentar causas denominativas muito distintas entre si. Por isso, procura-se, também, demonstrar que essas causas, recuperadas especialmente por meio de pesquisa de informações históricas relativas ao referente nomeado, podem ser sistematizadas.

Para a realização do estudo, tomou-se a lista de nomes dos 5.570 municípios brasileiros, disponibilizada pelo IBGE³ (2021) e, após, análise preliminar, separaram-se os 137 que, adotando-se o modelo taxionômico de Dick (1990b), são incluídos na categoria dos *cronotopônimos*. Na sequência, cada um dos nomes foi analisado quanto ao significado de seus constituintes e quanto às possíveis razões que teriam levado o denominador ou a comunidade àquela escolha. A partir dessa análise mais detalhada, que envolveu pesquisas, especialmente a respeito da história dos municípios, os topônimos foram agrupados em quadros, seguidos de algumas considerações. Registra-se que foram utilizadas as informações históricas disponibilizadas, principalmente, no Portal Cidades@ do IBGE, Biblioteca IBGE, e, quando não encontradas referências relativas à motivação toponímica nessas fontes, recorreu-se ao site oficial do município, e ainda a alguns trabalhos (quando localizados) sobre história regional como, por exemplo, o de Ramos (2008) e o de Rodrigues (2017).

No que se refere às bases teóricas, parte-se dos clássicos franceses, especialistas em Toponímia – Lognon (1920) e Dauzat (1947) – e da toponimista brasileira Dick (1990a, 1990b). Além desses, menciona-se também o estudo realizado por Backheuser (1949), geólogo e geógrafo brasileiro, e uma pesquisa recente das pesquisadoras Dargel e Isquerdo (2020), sobretudo no que se refere à distinção entre taxionomias e causas denominativas de topônimos.

Convém registrar que a mesma discussão, apresentada neste texto, poderia ser realizada a partir de outro conjunto de nomes de acidentes geográficos humanos ou físicos, entretanto, como, em geral, as informações históricas sobre nomes de cidades são relativamente mais acessíveis, optou-se por esse recorte. Em outras palavras, as reflexões

³ Informações retiradas de <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 09 fev. 2021.

aqui apresentadas podem ser recuperadas para outros estudos que tenham como foco a mesma categoria toponímica.

1. SOBRE A CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA DOS TOPÔNIMOS

Quando se fala em estudos sistematizados de toponímia, o francês Auguste de Lognon é tido como precursor, tendo sua obra – *Les noms de lieu de la France: leur origine, leur signification, leurs transformations* (1920) – sido publicada postumamente. Nesse estudo, a questão dos elementos motivadores dos nomes está demonstrada logo no início:

Elementos tão diversos em sua origem não o são menos em seu significado. Ora indicam a configuração ou a natureza do solo, ora as espécies animais ou vegetais que ali habitam, ora o destino que os lugares receberam por causa do homem: ou então preservaram a nossa memória. Acontecimentos antigos ou o nome dos personagens pelos quais os centros populacionais foram criados ou transformados [...] (LOGNON, 1920, p. 02 – TRADUÇÃO DAS AUTORAS)⁴.

Como se nota no trecho transcrito, o autor foca na diversidade dos significados que podem ser observados nos topônimos. Esses significados, frequentemente, referem-se às características do solo, aos animais, aos vegetais, a aspectos da memória do homem; e podem, ainda, indicar fatos históricos e prestar homenagens.

Após a morte de Lognon, a continuação das pesquisas toponímicas na França fica, especialmente, por conta de Albert Dauzat, que atualmente é considerado uma referência importante para estudiosos da área. Em uma de suas obras, o autor, também francês, mostra que os elementos motivadores dos topônimos podem ser emprestados da *geografia física* ou da *geografia humana*. No primeiro grupo, estariam os nomes próprios originados de acidentes orográficos, da hidrografia, da vegetação e da fauna; e, no segundo conjunto de designações, estariam incluídos aqueles motivados por elementos que remetem a lugares de passagem, estabelecimentos sedentários, vilas, cidades, indústrias, santuários, cores, características abstratas, além dos nomes de pessoas que, com frequência, também se tornam nomes geográficos (DAUZAT, 1947, p. 23-34).

A breve retomada desses dois autores importa porque seus estudos estariam entre as principais bases para a constituição de modelos taxionômicos que, posteriormente, seriam elaborados para a classificação de topônimos. Dentre esses modelos, está o de Dick, apresentado, inicialmente em 1975, com 19 categorias, passando a 27 em reformulação de 1990. Além dos estudos dos autores franceses citados, Dick deixa evidente, em sua obra, que considera, para elaboração de sua proposta, as reflexões apresentadas pelo etnolinguista americano Edward Sapir (1969), especialmente no que se refere às relações entre língua e ambiente.

[...] a compreensão da existência de um vínculo estreito entre o objeto denominado e o seu denominador remeterá a toponímia taxionômica ao estudo das motivações da nomenclatura geográfica. Os fatores ambientais, em sua dicotomia física e antro-po-cultural, conforme a teorização de Sapir [...], constituem o cenário propício ao jogo iniludível dos interesses humanos, em que as percepções sensoriais e as manifestações psíquicas brotam como fontes geradoras dos motivos toponomásticos (DICK, 1990b, p. 25).

⁴ Des éléments si divers par leur origine ne le sont pas moins par leur signification. Ils indiquent tantôt la configuration ou la nature du sol, tantôt les espèces ani- males ou végétales qui y vivent, d'autres fois la destination que les lieux ont reçue du fait des hommes: ou bien encore ils nous ont conservé la mémoire d'anciens événements ou le nom des personnages par qui les centres de population furent créés ou transformés [...] (LOGNON, 1920, p. 02).

Considerando que Dauzat (1947) já havia demonstrado que os elementos motivadores da toponímia têm origem em aspectos da geografia física e em aspectos da geografia humana, e que Sapir (1969), ao discutir a relação entre língua e ambiente, chama a atenção para a necessidade de entender o termo ambiente de forma ampla, incluindo os fatores físicos e socioculturais, compreendem-se os fundamentos teóricos da divisão do modelo taxionômico de Dick em categorias de natureza física e em categorias de natureza antropocultural. Dentre as categorias de natureza física, estão, por exemplo, os *fitotopônimos*, os *hidrotopônimos*, os *litotopônimos* entre outros; dentre as de natureza antropocultural estão os *animotopônimos*, os *antropotopônimos*, os *cronotopônimos* entre outros.

Importa registrar que a divulgação dos estudos de Dick, especialmente de sua tese de doutorado, *A motivação toponímica. Princípios teóricos e modelos taxionômicos* (1980), impulsiona as pesquisas toponímicas no Brasil. Conforme levantamento realizado pelas autoras deste trabalho, atualmente existem cerca de 150 trabalhos, sobre toponímia, entre dissertações de mestrado e teses de doutorado concluídas e defendidas em diversas universidades brasileiras, além de inúmeros artigos científicos publicados. Muitas dessas pesquisas estão vinculadas a projetos de atlas toponômicos estaduais como, por exemplo o ATEMS – Atlas Toponômico do Estado de Mato Grosso do Sul, coordenado pela professora Aparecida Negri Isquerdo e o ATEMIG – Atlas Toponômico do Estado de Minas Gerais, coordenado pela professora Maria Cândida de Seabra entre vários outros. Assim, pode-se afirmar que os estudos produzidos nos últimos 40 anos, que investigaram e discutiram a realidade toponímica brasileira, consolidaram essa área de estudo no Brasil.

Voltando ao modelo taxionômico, para este estudo interessa especialmente a categoria dos *cronotopônimos* que, inicialmente, “[...] abrangiam topônimos relativos a épocas e datas históricas e também aqueles indicadores de índices cronológicos, representados em toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha” (DICK, 1990b, p. 28). Após a reformulação, a descrição da categoria fica um pouco mais restrita, uma vez que deixa de incluir topônimos relativos “a épocas e datas históricas”:

Cronotopônimos: topônimos que encerram, indicadores cronológicos, representados, em Toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha. Velha Boipeba (AH BA); rio Novo Mundo (GO); Nova Viçosa (AH BA); Velha e Nova Emas (AH SP) (DICK, 1990b, p. 32).

Assim, os pesquisadores que adotam esse modelo taxionômico para seus estudos, incluem nessa categoria todos e apenas os nomes quem têm um dos adjetivos, novo (a) e velho (a), como primeiro formante.

Nesse raciocínio, convém retomar o que alerta a autora: “O modelo taxionômico que se elaborou deve [...] ser interpretado como um instrumento de trabalho que permitirá suprir a aferição objetiva de causas motivadoras dos designativos geográficos procurando suprir as demandas da pesquisa” (DICK, 1990b, p. 26). Dessa forma, a ideia é que a inclusão dos topônimos em cada uma das categorias possa ser realizada sem a necessidade obrigatória da pesquisa histórica de cada nome, ou seja, a perspectiva do estudo será, então, sincrônica. Em síntese, a classificação dos topônimos deve ser possível apenas “pela interpretação linguística de seus elementos formadores”.

Entre as justificativas da autora para constituir o modelo classificatório a partir dessa ideia, está, entre outros, o fato de que um estudo detalhado das razões do denominador envolve noções de psicologia humana que escapariam aos objetivos das pesquisas toponímicas; que pode haver mais de uma razão como explicação para determinado nome; e ainda que a um toponimista interessa a natureza semântica dos nomes (DICK, 1990a, p. 51).

Não há como discordar da autora, sobretudo quando se consideram as pesquisas que tomam grande número de topônimos para análise. Ou seja, de fato é imprescindível um método que seja relativamente objetivo nesse tipo de investigação, inclusive porque, a depender do recorte, o pesquisador terá muita dificuldade para encontrar informações a respeito dos nomes, ou, pior ainda, nem encontrará. O que ele pode, mais seguramente, analisar, então, é o que resultou do processo de nomeação: o nome.

Por outro lado, entretanto, entende-se que a classificação dos topônimos, exclusivamente a partir do modelo objetivo, permite uma compreensão menos completa. Algumas vezes, fornecerá apenas tendências em relação aos aspectos motivadores dos designativos geográficos, a depender de como o pesquisador organiza sua investigação e como apresenta os resultados.

Assim, por exemplo, se um pesquisador simplesmente informar, no final de uma pesquisa que 137 municípios brasileiros são designados por *cronotopônimos*, porque são iniciados por um dos adjetivos mencionados na definição da categoria, deixará de revelar muitas informações sobre esse conjunto de nomes. No caso dessa categoria, sem recuperar pelo menos parte das causas denominativas, não será possível compreender que, apesar de serem classificados da mesma forma, têm motivações muito distintas. Por isso, no entender das autoras deste estudo, a categoria dos *cronotopônimos* é uma das que merecem atenção especial por suas variadas motivações. Isso é bem menos evidente em outras categorias do modelo, como os *fitotopônimos*, por exemplo, que sempre terão como motivação algum elemento vegetal (individual ou em conjunto). Em outras palavras, nos casos dos *fitotopônimos*, tanto a taxionomia como as causas denominativas apontariam para o mesmo tipo de elemento, mesmo que a segunda seja, evidentemente, mais específica.

Ainda com intuito de demonstrar que a aplicação do modelo taxionômico e o levantamento de causas denominativas específicas são procedimentos distintos, recuperam-se mais algumas palavras de Dick (1990b, p. 49), para quem a motivação deve ser encarada sob dois pontos de vista:

- Aquele do **denominador** e das razões que o levaram, dentro de um processo paradigmático de possibilidades, a selecionar uma delas, a que mais respondesse às suas necessidades momentâneas de opção;
- e o da **natureza do produto** dessa escolha, isto é, da substância mesma do topônimo, revelada pelos seus componentes linguísticos.

Como se nota, o primeiro ponto de vista está relacionado com as causas e o segundo com a classificação objetiva do produto da escolha realizada. É preciso registrar, entretanto, que neste estudo se está entendendo que averiguar causas denominativas é diferente de se proceder a um estudo detalhado das motivações psicológicas do denominador – o que não constitui objetivo deste trabalho. Em outras palavras,

[...] entende-se causa denominativa como o motivo encontrado para o surgimento do topônimo que pode ser buscado por meio de uma pesquisa histórica acerca do nome analisado [...] Enfim, a causa denominativa revela o porquê de um lugar ter recebido um determinado nome e não a taxionomia a que pertence esse designativo, uma vez que a taxa, conforme Dick, envolve o significado do topônimo como signo de língua registrado em dicionários ou em uso comprovado no âmbito de um léxico regional (DARGEL; ISQUERDO, 2020, p. 241).

Desse modo, reitera-se, a intenção foi mostrar que, do ponto de vista “da natureza do produto”, uma grande quantidade de topônimos pode ser incluída na mesma categoria; do ponto de vista das razões pelas quais o nome foi escolhido, entretanto, algumas subcategorias podem ser elencadas, conforme será possível verificar na análise.

Ao demonstrar que topônimos constituídos de maneira distinta – do ponto de vista do denominador – são incluídos na mesma categoria, não se pretende apontar limitações em relação ao modelo taxionômico de Dick (1990b), ainda que a própria autora tenha alertado que as taxes “[...] não são exaustivas em suas ocorrências e, sim, exemplificativas, podendo ser ampliadas em seus catogoremas (fitotopônimos, ergotopônimos, somatotopônimos, etc..), à medida que novas estruturas vocabulares se constituam [...]” (DICK, 1999, p. 142). A intenção é demonstrar que uma pesquisa, dependendo da quantidade de dados tomados para estudo, além de aplicar o modelo taxionômico, pode recuperar as prováveis razões para a adoção dos topônimos e, desse modo, apresentar resultados que poderão interessar a um público um pouco mais amplo.

2. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Inicialmente, ressalta-se que, no caso dos municípios brasileiros, não há ocorrência de topônimo iniciado por velho/velha. Logo, os 137 *cronotopônimos* identificados são formados por novo/nova (em posição inicial). Para incluir os designativos nessa categoria, conforme esclarecido, a análise é feita a partir do formante inicial do elemento específico ou do topônimo propriamente dito; para analisar as causas denominativas, entretanto, é preciso considerar toda a estrutura do topônimo.

Evidentemente, o pesquisador pode ou não optar por fazer o levantamento de causas denominativas a depender de seus objetivos, do tipo de recorte e da quantidade de dados que se propõe a analisar. Neste estudo, conforme mencionado, o foco são os tipos de causas denominativas que podem ser observados nos topônimos classificados como *cronotopônimos*. Conforme se verificou nas informações históricas referentes aos municípios, as causas denominativas foram divididas, em sete grupos: i) topônimos que já eram nomes de outros acidentes geográficos existentes na localidade; ii) topônimos que fazem referência a outras divisões administrativas ou a outras localidades; iii) topônimos com conteúdo relativo à vida psíquica; iv) topônimos motivados por elementos religiosos; v) topônimos relativos a elementos vegetais; vi) topônimos relativos a elementos hidrográficos; vii) topônimos com outras causas ou com causas não recuperadas.

Admite-se que não foi possível uma divisão rigorosa porque, em alguns casos, o mesmo topônimo poderia estar em dois grupos diferentes. Isso ocorre porque, como já alertara Dick (1990a), muitas vezes as razões do denominador envolvem aspectos subjetivos um pouco mais difíceis de apreender ou porque um nome pode ter mais de uma causa denominativa conforme os registros históricos escritos. Além disso, nem sempre esses registros, mesmo os relativos a municípios, são realizados adequadamente, restando ao pesquisador, algumas vezes, a opção de levantar hipóteses. Esse fator observado, entretanto, não inviabiliza ou prejudica a sistematização das causas denominativas mais recorrentes. Feitas essas explicações, seguem os quadros elaborados com as devidas considerações.

No Quadro 1, na segunda coluna, estão os topônimos que tiveram origem em nomes de outros acidentes geográficos (terceira coluna) que havia na mesma região em que o município se desenvolveu.

Quadro 1: *Cronotopônimos* originados de outros já existentes na localidade

São Paulo	Nova Aliança	fazenda Bela Aliança
Rio Grande do Sul	Nova Alvorada	distrito Alvorada
Rio Grande do Sul	Nova Araçá	núcleo colonial de Araçá

Minas Gerais	Nova Belém	distrito São Sebastião de Nova Belém
Mato Grosso	Nova Brasilândia	povoado Brasilândia
São Paulo	Nova Campina	distrito Campina do Veado
São Paulo	Nova Castilho	povoado Vila Castilho
Mato Grosso	Nova Guarita	Agrovila Guarita
São Paulo	Nova Guataporanga	vila Guataporanga ⁵
Rio Grande do Sul	Nova Hartz	picada Hartz
Rio de Janeiro	Nova Iguaçu	vila Iguaçu
São Paulo	Nova Independência	porto Independência
Pará	Nova Ipixuna	distrito Velha Ipixuna ⁶
Santa Catarina	Nova Itaberaba	distrito Itaberaba
Minas Gerais	Nova Lima	vila Nova de Lima
Rondônia	Nova Mamoré	vila Nova do Mamoré
Mato Grosso	Nova Marilândia	distrito de Marilândia
Mato Grosso	Nova Monte Verde	distrito Monte Verde
Mato Grosso	Nova Mutum	colonizadora Mutum
Paraná	Nova Olímpia	núcleo populacional Olímpia
Paraíba	Nova Olinda	engenho Olinda
Amazonas	Nova Olinda do Norte	propriedade Olinda
Minas Gerais	Nova Porteirinha	município de Porteirinha
Rio Grande do Sul	Nova Prata	município Prata
Rio Grande do Sul	Nova Ramada	distritos de Ramada
Bahia	Nova Redenção	distrito Redenção
Minas Gerais	Nova Resende	vila Nova de Resende
Paraná	Nova Santa Bárbara	patrimônio de Santa Bárbara
Piauí	Nova Santa Rita	povoado de Santa Rita
Rio Grande do Sul	Nova Santa Rita	distrito Santa Rita
Bahia	Nova Soure	distrito Nossa Senhora da Conceição de Soure
Mato Grosso	Nova Ubitatã	patrimônio de Ubitatã
Minas Gerais	Nova União	distrito de União
Bahia	Nova Viçosa	vila Viçosa
Tocantins	Novo Acordo	fazenda Novo Acordo ⁷
Amazonas	Novo Airão	lugar Airão
Tocantins	Novo Alegre	fazenda Alegre
Amazonas	Novo Aripuanã	distrito Foz do Aripuanã
Rio Grande do Sul	Novo Barreiro	distrito Barreiro
Rio Grande do Sul	Novo Cabrais	rincão dos Cabrais
Paraná	Novo Itacolomi	distrito Itacolomy
Tocantins	Novo Jardim	fazenda Jardim
Alagoas	Novo Lino	sítio Lino
Rio Grande do Sul	Novo Machado	linha Machado
Minas Gerais	Novo Oriente de Minas	povoado Belo Oriente.
Pará	Novo Repartimento	vila de Repartimento
Mato Grosso	Novo Santo Antônio	distrito Santo Antônio do Rio das Mortes
Piauí	Novo Santo Antônio	povoado de Santo Antônio
Mato Grosso	Novo São Joaquim	povoado de São Joaquim

⁵ Informações retiradas do site <https://www.novaguataporanga.sp.gov.br/>. Acesso em: 26 fev. 2021.

⁶ Informações retiradas do site <https://camaranovaipixuna.pa.gov.br/o-municipio/>. Acesso em: 26 fev. 2021.

⁷ Informações retiradas do site https://www.novoacordo.to.gov.br/pagina/Historia_do_Municipio. Acesso em: 26 fev. 2021.

Rio Grande do Sul	Novo Tiradentes	distrito Tiradentes
Rio Grande do Sul	Novo Xingu	colônia Xingu
Rondônia	Nova Brasilândia D'Oeste	Brasil

Fonte: Elaborado pelas autoras, a partir de informações do Portal Cidades@ IBGE, Biblioteca IBGE) e sites das prefeituras.

As informações sintetizadas na terceira coluna do Quadro 1 evidenciam que muitas localidades, antes de se tornarem municípios com seus atuais topônimos, eram distritos, vilas, povoados, colônias em cujos nomes foram acrescentados o adjetivo novo/nova. Isso foi constatado em 38% dos dados analisados, o que equivale a 52 em quantidade absoluta. Nota-se, então, que no caso desses designativos, o antigo acidente geográfico nomeado dá origem ao município ou o município o incorpora. Por exemplo, o distrito *Alvorada* passa a categoria de município com a denominação *Nova Alvorada*; a fazenda *Alegre* dá início ao aglomerado que, depois, passa à categoria de município (obviamente após os processos administrativos devidos) com o nome *Novo Alegre*.

Entende-se que esses topônimos, expostos no Quadro 1, são diferentes dos que estão apresentados no Quadro 2 – pelas razões explicadas na sequência.

Quadro 2: *Cronotopônimos* que fazem homenagem/referência a outras divisões administrativas ou a outras localidades

Paraná	Nova América da Colina	América (continente)
Mato Grosso do Sul	Nova Andradina	Andradina - SP
Mato Grosso	Nova Bandeirantes	Bandeirantes - PR
Rio Grande do Sul	Nova Bassano	Bassano Dell Grappa - Itália
Rio Grande do Sul	Nova Boa Vista	povoado Boa Vista - RS
Rio Grande do Sul	Nova Bréscia	Bréscia - Itália
Santa Catarina	Nova Erechim	Erechim - RS
São Paulo	Nova Europa	Europa
Bahia	Nova Fátima	Fátima - Portugal ⁸
Paraná	Nova Fátima	Fátima - Portugal
Paraíba	Nova Floresta	Floresta - PE, Floresta - PR
Rio de Janeiro	Nova Friburgo	Friburgo - Suíça
Goiás	Nova Glória	São João da Glória - MG
São Paulo	Nova Granada	Granada - Espanha
Bahia	Nova Ibiá ⁹	localidade Ibiá - SP
Mato Grosso	Nova Lacerda	Pontes e Lacerda - MT
Paraná	Nova Laranjeiras	Laranjeiras do Sul - PR ¹⁰
Paraná	Nova Londrina	Londrina - PR
São Paulo	Nova Luzitânia	Portugal
Mato Grosso	Nova Maringá	Maringá - PR
Minas Gerais	Nova Módica	Módica - Itália
Mato Grosso	Nova Nazaré	Nazaré - Israel ¹¹
São Paulo	Nova Odessa	Odessa - Rússia
Mato grosso	Nova Olímpia	Olímpia - SP

⁸ Informações retiradas do site <https://www.novafatima.pr.gov.br/historia/>. Acesso em: 26 fev. 2021.

⁹ Informações retiradas de Ramos (2008, p.383).

¹⁰ Informações retiradas do site <https://www.novalaranjeiras.pr.gov.br/cidade.php>. Acesso em: 26 fev. 2021.

¹¹ Informações retiradas do site <https://www.novanazare.mt.gov.br/Prefeitura/Historia/>. Acesso em: 26 fev. 2021.

Ceará	Nova Olinda	Olinda - PE
Tocantins	Nova Olinda	Olinda - PE
Maranhão	Nova Olinda do Maranhão	povoado Olinda - MA ¹²
Rio Grande do Sul	Nova Petrópolis	Petrópolis - RJ
Paraná	Nova Prata do Iguaçu	Nova Prata - RS ¹³
Rio Grande do Sul	Nova Roma do Sul	Roma na Itália
Tocantins	Nova Rosalândia	povoado de Rosalândia Velha - TO
Ceará	Nova Russas	Russas - CE
Mato Grosso	Nova Santa Helena	Santa Helena - PR
Paraná	Nova Santa Rosa	Santa Rosa - RS
Minas Gerais	Nova Serrana	Pitangui (antiga Velha Serrana) - MG ¹⁴
Paraná	Nova Tebas	Tebas - Grécia
Pará	Nova Timboteua	Timboteua - PA
Santa Catarina	Nova Trento	Trento - Itália
Espirito Santo	Nova Veneza	Veneza - Itália
Goiás	Nova Veneza	Veneza e Bergamo - Itália
Santa Catarina	Nova Veneza	Veneza - Itália
Goiás	Novo Brasil	Brasil
Goiás	Novo Gama	cidade satélite do Gama - DF
Rio Grande do Sul	Novo Hamburgo	Hamburgo - Alemanha
Santa Catarina	Novo Horizonte	lugarajo Novo Horizonte - Lauro Müller - SC
São Paulo	Novo Horizonte	Belo Horizonte - MG
Piauí	Novo Oriente do Piauí	fazenda Oriente Velho - PI
Goiás	Novo Planalto ¹⁵	Brasília - DF

Fonte: Elaborado pelas autoras, a partir de informações do Portal Cidades@ IBGE, Biblioteca IBGE), sites das prefeituras citadas, Ramos (2008) e Rodrigues (2017).

Para entender a diferença dos nomes do Quadro 2 em relação aos que estão no Quadro 1, é preciso saber, por exemplo, que *Nova Boa Vista* e *Nova Olinda do Maranhão* não tiveram origem nos povoados *Boa Vista* e *Olinda*, respectivamente, ou seja, os povoados existem fora desses municípios e têm suas próprias histórias; não foram eles que deram origem ou foram incorporados pelo município de mesmo nome com acréscimo do adjetivo “nova”.

De modo geral, esses topônimos, de acordo com a história a que se teve acesso, foram atribuídos em referência aos locais registrados na terceira coluna, constituindo o que se poderia chamar de topônimos transplantados ou de topônimos alienígenas, conforme Backheuser (1952). De acordo com esse autor, a propósito, um topônimo já estabelecido em um local se desloca sob duas condições principais:

- a) A primeira delas é o transporte pelo povo que emigra, e que impressionado por alguma semelhança de paisagem ou pelo só desejo de prolongar a pátria em longes terras, vai batizando alguns dos novos lugares encontrados por nomes que lhe são familiares. [...]
- b) A segunda fonte de migração de topônimos é o prestígio do nome originário. Essa transladação ocorre principalmente em países novos de crescimento rápido e cheio de esperanças prognosticando futuro êxito para as cidades nascente (p. 186-187).

¹² Informações retiradas do site <https://novaolinda.ma.gov.br/cidades/cidades/>. Acesso em: 26 fev. 2021.

¹³ Informações retiradas do site <https://novapratadoiguacu.com.br/>. Acesso em: 26 fev. 2021.

¹⁴ Informações retiradas do site <https://www.novaserrana.mg.gov.br/portal/servicos/67/a-cidade/historia-de-nova-serrana/>. Acesso em: 26 fev. 2021.

¹⁵ As informações acerca do nome foram retiradas de Rodrigues (2017, p. 43).

A transplantação de um topônimo, lembra o autor, “[...] é feita sem qualquer alteração, ou seja, conservando, tal qual, o mesmo nome, ou há pequenas alterações de desinência ou a aposição do adjetivo *novo* ou *nova*” (BACKHEUSER, 1952, p. 187). Entende-se que as motivações para a atribuição desse tipo de nome estão diretamente vinculadas às duas condições principais enunciadas pelo autor. Ou seja: o colonizador traz consigo o nome do local de onde se origina ou o nome é repetido em outra localidade simplesmente porque denota prestígio. Nesse último caso, observa-se, especialmente a “reutilização” de nomes de países e cidades desenvolvidas, na intenção provável de atribuir ao local que recebe o nome as mesmas características positivas do nomeado anteriormente, ao menos no imaginário popular. No conjunto desse tipo de nome relativo a municípios, além de países e cidades estrangeiras, há referências a continentes, ao Brasil, a pequenos povoados e a propriedades particulares.

Sobre cinco topônimos do Quadro 2, *Nova Ibiá*, *Nova Laranjeiras*, *Nova Rosalândia*, *Nova Santa Helena* e *Nova Timboteua*, não foram localizadas informações que mencionassem que realmente se trata de uma homenagem, mas os registros informam que o adjetivo foi incluído para diferenciar o topônimo de outro já existente no mesmo ou em outro estado do Brasil. Nesse segundo grupo, estão 48 topônimos, o que representa 35% do total dos dados analisados.

Já no terceiro grupo, Quadro 3, foram incluídos *cronotopônimos* cujos sentidos são os que se observam na definição da categoria *animotopônimos*, proposta por Dick (1990b, p. 32): “topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria prima fundamental, e em seu aspecto mais importante, como fato cultural, não pertence à cultura física”. Convém registrar que constituintes que aparecem nesses nomes com a intenção de reforçar a localização (como *do Ivaí*, *do Pará* e os relativos a pontos cardiais) não foram enfocados pois não afetam a análise que está sendo realizada.

As motivações desse grupo de topônimos são, relativamente, difíceis de serem explicitadas porque envolvem questões ainda mais subjetivas e, por isso, mais complexas que as que se observam para outros tipos de nomes. Por essa razão, optou-se por deixar essa coluna em branco.

Quadro 3: *Cronopônimos* com conteúdo relativo à vida psíquica

Paraná	Nova Aliança do Ivaí	-
Mato Grosso do Sul	Nova Alvorada do Sul ¹⁶	-
Goiás	Nova Aurora	-
Paraná	Nova Aurora	-
Bahia	Nova Canaã	-
Mato Grosso	Nova Canaã do Norte	-
São Paulo	Nova Canaã Paulista	-
Minas Gerais	Nova Era	-
Paraná	Nova Esperança	-
Pará	Nova Esperança do Piriá	-
Paraná	Nova Esperança do Sudoeste	-
Rio Grande do Sul	Nova Esperança do Sul	-
Rondônia	Nova União ¹⁷	-
Bahia	Novo Horizonte	-
Mato Grosso	Novo Horizonte do Norte	-
Rondônia	Novo Horizonte do Oeste ¹⁸	-
Mato Grosso do Sul	Novo Horizonte do Sul	-
Mato Grosso	Novo Mundo	-
Pará	Novo Progresso	-
Bahia	Novo Triunfo	-
Minas Gerais	Novorizonte	-

Fonte: Elaborado pelas autoras, a partir de informações do Portal Cidades@ IBGE, Biblioteca IBGE), sites das prefeituras citadas e Souza (2018, p. 18).

Conforme se constata, nesse grupo estão os topônimos *Novo Horizonte* e *Novorizonte* (além dos três outros formados também pela indicação dos pontos cardeais) e, no Quadro 2, também aparecem dois topônimos *Novo Horizonte*. A explicação para isso é que, no caso dos que estão no Quadro 2, as pesquisas relativas às histórias dos municípios indicam que se trata de nomes com características de transplantação, o que não ocorre com os do Quadro 3.

Pode-se afirmar, então, que os 21 topônimos desse grupo – 15,3% – representam, em sua maioria, a intenção depositada dos primeiros habitantes em encontrar terras prósperas, com esperança de boas expectativas para os habitantes.

Na sequência, estão os *cronotopônimos* cuja motivação são elementos religiosos. No *corpus* analisado, esse tipo foi pouco recorrente, como se verifica no Quadro 4.

¹⁶ Informações retiradas do site <https://www.novaalvoradosul.ms.gov.br/historia.html>. Acesso em: 26 fev. 2021.

¹⁷ As informações acerca do nome foram retiradas de Souza (2018, p. 18).

¹⁸ Informações retiradas do site <https://www.novohorizontedoeste.ro.leg.br/institucional/historia>. Acesso em: 26 fev. 2021.

Quadro 4: *Cronotopônimos* motivados por elementos religiosos

Rio Grande do Sul	Nova Candelária	Inspirado nas bênçãos de Nossa Senhora da Candelária da Alemanha ¹⁹ .
Rio Grande do Norte	Nova Cruz	Uma cruz foi colocada no município para espantar um espírito maligno.
Rio Grande do Sul	Nova Pádua	Homenagem a imagem de Santo Antônio de Nova Pádua ²⁰ .

Fonte: Elaborado pelas autoras, a partir de informações do Portal Cidades@ IBGE e Biblioteca IBGE.

Para se compreenderem esses topônimos, é preciso saber que existe, no Rio Grande do Sul, um município denominado *Candelária*, um chamado de *Cruz*, no Ceará, e que *Pádua* também é uma cidade italiana. Esses designativos, poderiam, então, estar no Quadro 2. Entretanto, foram localizadas informações no site do IBGE que indicam que as motivações são de caráter religioso e não há a intenção de se fazer homenagem a outros municípios de mesmo nome. De qualquer forma, o adjetivo evita, como já mencionado, a homonímia com topônimos já existentes. Designativos com essas características representam 2,2%, porque são apenas três no *corpus* estudado.

Dentre os dados, também se verificou uma pequena ocorrência de topônimos formados pelo adjetivo “nova” + elemento que se refere a aspecto da vegetação. No Quadro 5, estão os dois designativos com essa estrutura.

Quadro 5: *Cronotopônimos* que remetem a elementos vegetais

Rio Grande do Sul	Nova Palma	Quantidade de coqueiros e palmeiras ali existentes
Paraíba	Nova Palmeira	Palmeiras plantadas em destaque no município.

Fonte: Elaborado pelas autoras, a partir de informações do Portal Cidades@ IBGE e Biblioteca IBGE.

No tocante a esses dois nomes – *Nova Palma* e *Nova Palmeira* – não se verificou a existência de localidades ou municípios designados por *Palma* ou *Palmeira*²¹. Entende-se, portanto, que a motivação tenha origem diretamente na vegetação da região onde surgem e se desenvolvem os municípios. É essa, inclusive, a justificativa registrada na história dos municípios (Portal Cidades@ IBGE). A questão que ficaria sem solução, nesse caso, é o motivo do acréscimo do adjetivo “nova”, uma vez que não haveria a necessidade de diferenciação de um topônimo já existente e nem há a intenção de transmitir conteúdo eufórico como no caso dos topônimos do Quadro 3. Por serem dois, os topônimos desse grupo representam 1,5% do total.

Ainda entre os *cronotopônimos* estudados, constataram-se dois motivados por elementos hidrográficos, demonstrados no Quadro 6.

¹⁹ Informações retiradas do site <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=35191&view=detalhes>. Acesso em: 26 fev. 2021.

²⁰ Informações retiradas do site <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedossul/novapadua.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2021.

²¹ Existe um município denominado *Palmas*, no Tocantins e um denominado *Palmeiras dos Índios* em Alagoas. Conforme se verifica, se a opção fosse por *Palma* (RS) e *Palmeira* (PB), não ocorreria a homonímia.

Quadro 6: *Cronotopônimos* motivados por elementos hidrográficos

Paraná	Nova Cantu	Rio Cantu
Goiás	Nova Crixás	Rio Crixás-Mirim

Fonte: Elaborado pelas autoras, a partir de informações do Portal Cidades@ IBGE.

É muito comum que cidades sejam nomeadas com o mesmo topônimo de um acidente físico importante do local ou da região, como um rio. Apenas a título de exemplo, os nomes de municípios *Dourados*, *Iguatemi*, *Ivinhema*, *Miranda*, entre vários outros de Mato Grosso do Sul, são originários de nomes dos rios do estado. No caso de *Nova Cantu*, teria surgido, antes do município, a colônia *Cantu*²², provavelmente o adjetivo tenha sido acrescentado para marcar um novo momento da história desse aglomerado humano. Quanto a *Nova Crixás*, a causa denominativa também é um rio e o adjetivo pode ser justificado porque na história da formação administrativa do município²³, registra-se que *Nova Crixás* foi desmembrado de *Crixás* em 1980. Ou seja, já existia um aglomerado com o nome *Crixás* e o acréscimo do adjetivo também indica uma nova fase do desenvolvimento do local. Por serem apenas dois os nomes motivados por acidentes hídricos classificados como *cronotopônimos*, eles representam 1,5% do total.

O Quadro 7, a seguir, apresenta os topônimos com “outras” causas denominativas e aqueles cujas causas não foram recuperadas.

Quadro 7: *Cronotopônimos* com outras causas denominativas ou cujas causas não foram recuperadas

Goiás	Nova América	Esposa do fundador do município: América do Couto.
Maranhão	Nova Colinas	Serras que dividem as águas do Tocantins e Araguaia.
Goiás	Nova Iguaçu de Goiás	-
Bahia	Nova Itarana	-
Minas Gerais	Nova Ponte	Ponte construída para ligar dos povoados.
Goiás	Nova Roma ²⁴	-
Mato Grosso	Nova Xavantina	povo indígena xavante
Minas Gerais	Novo Cruzeiro	Homenagem à moeda brasileira de 1942.
Ceará	Novo Oriente	-

Fonte: Elaborado pelas autoras, a partir de informações do site Biblioteca IBGE e reportagem da Gazeta do Cerrado citada.

Nova América poderia ser homenagem ao nome do continente, no entanto, os registros indicam que se trata de reverência à esposa do fundador do município; *Nova Colinas* poderia ser referência a *Colinas*, outro município do mesmo estado (MA), entretanto, a história aponta que o motivo da escolha do nome são as serras da região²⁵. Não foram localizadas informações que atestassem que *Nova Iguaçu de Goiás*, *Nova*

²² Informações retiradas do site <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/nova-cantu/historico>. Acesso em: 26 fev. 2021.

²³ Informações retiradas do site <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/nova-crixas/historico>. Acesso em: 26 fev. 2021.

²⁴ Não foram encontradas informações precisas acerca da motivação toponímica. O topônimo foi inserido no Quadro 2 por supostamente fazer referência à cidade italiana de Roma.

²⁵ Informações retiradas do site <https://gazetadocerrado.com.br/municipio-estrategico-do-tocantins-colinas-completa-59-anos-conheca-a-historia-e-particularidades/>. Acesso em: 26 fev. 2021.

Itarana e *Nova Roma* tivessem qualquer relação – ainda que apenas de diferenciação – com outros locais com o mesmo nome.

Nova Ponte e *Novo Cruzeiro* teriam sido motivados, respectivamente, pela existência de uma ponte de importância para a região²⁶ e em homenagem à antiga moeda brasileira²⁷. Os nomes apontam para elementos da cultura material e poderiam, talvez, serem separados em um grupo de cronotopônimos com características de *ergotopônimos*. Entendeu-se, porém, que os elementos motivadores são muito distintos entre si, por isso a opção por deixá-los nesse último quadro.

Sobre *Nova Xavantina*, é importante destacar que existe em Santa Catarina um município denominado *Xavantina*; no entanto a motivação do topônimo *Nova Xavantina* seria bem específica. O município teria se formado a partir de território de dois distritos – um chamado *Xavantina* e outro *Nova Brasília*.

Quando a região progrediu e chegou o momento da criação do município, as duas sedes distritais lutaram pelo nome. Apaziguaram-se os ânimos com a escolha de nome conciliador. De *Nova Brasília* se tomou o termo *Nova*, e se lhe agregou o de *Xavantina*. O município foi nomeado de *Nova Xavantina* [...] ²⁸.

Por fim, sobre o topônimo *Novo Oriente*, no Ceará, registra a história que, devido à presença de muitos montes na localidade, semelhantes aos de algumas localidades orientais, um sacerdote atribuiu à região o nome, que também considerava poético – *Novo Oriente*²⁹. Os nove topônimos desse quadro representam 6,6% do total.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme se constatou, muitos nomes iguais – ou com apenas um elemento diferenciador – foram incluídos em grupos diferentes, como por exemplo: *Nova Aliança* (SP) no Quadro 1 e *Nova Aliança do Ivaí* (PR) no Quadro 3; *Nova Iguaçu* (RJ) no Quadro 1 e *Nova Iguaçu de Goiás* no Quadro 7; *Nova Olímpia* (PR) no Quadro 1 e *Nova Olímpia* (MT) no Quadro 2; *Nova Prata* (RS) no Quadro 1 e *Nova Prata do Iguaçu* (PR) no Quadro 2. A opção por separar em quadros diferentes se justifica porque se verificou que as motivações são distintas conforme as informações históricas encontradas e as explicações apresentadas no texto.

A divisão dos nomes nos quadros foi um procedimento importante para o estudo porque demonstrou que as causas denominativas para cada nome, apesar de específicas, no caso dos *cronotopônimos* deste estudo, puderam ser relativamente sistematizadas, sendo que três tipos são mais recorrentes: a) o denominador opta por “reutilizar” um nome que já existia no local para indicar nova fase da história do local ou para diferenciar do topônimo já existente ali (topônimos do Quadro 1); b) o denominador deseja utilizar um topônimo transplantado (de outra cidade, estado, país, continente) por questões de saudade da terra natal ou pelo prestígio que o designativo geográfico já tem; algumas vezes utiliza o nome da mesma forma e outras vezes o antecede com o adjetivo novo (a)

²⁶ Informações retiradas do site <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=35516&view=detalhes>. Acesso em: 26 fev. 2021.

²⁷ Informações retiradas do site <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/novo-cruzeiro/historico>. Acesso em: 26 fev. 2021.

²⁸ Informações retiradas do site <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/nova-xavantina/historico>. Acesso em: 26 fev. 2021.

²⁹ Informações retiradas do site <https://www.novooriente.ce.gov.br/informa.php?id=17>. Acesso em: 26 fev. 2021.

(topônimos do Quadro 2); c) o denominador pretende atribuir ao local nomes que denotem boas expectativas, novas oportunidades e, assim, escolhe nomes com conteúdo eufórico como aqueles que se observam nos *animotopônimos* (topônimos do Quadro 3).

Outras vezes, as motivações se originam a partir de processos diferentes, de outros elementos de natureza física ou cultural que são importantes para o homem daquele ambiente que será nomeado. Assim, entre os dados da pesquisa, constataram-se aqueles motivados também por elementos da vegetação, dos cursos hídricos, do relevo; ou ainda motivados pelo desejo de expressar religiosidade ou homenagear pessoa. Todas essas motivações podem ser verificadas se houver a possibilidade de se fazer um recuo histórico, ainda que breve – o que é dispensável na classificação dos nomes a partir da taxionomia toponímica de Dick (1990b) –, conforme explicitado no referencial teórico.

Apesar disso, isto é, da relevância dos aspectos históricos para se entenderem os topônimos mais amplamente, reitera-se, é indiscutível a importância de ser ter também como opção um instrumento objetivo para análise dos topônimos, como um modelo taxionômico. E dentre as propostas existentes, considera-se a de Dick (1990b) a mais adequada para a realidade brasileira.

REFERÊNCIAS

- BACKHEUSER, Everardo. *Toponímia*. Suas regras, sua evolução. Revista Geográfica, Rio de Janeiro, v. 9/10, n. 25, p. 163-195, 1952.
- DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício; ISQUERDO, Aparecida Negri Isquerdo. A macro-toponímia dos municípios sul-mato-grossenses: mecanismos de classificação semântica. ISQUERDO, Aparecida Negri Isquerdo (Org.) *Toponímia: tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul*, v.2 [recurso eletrônico] – Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/3549>. Acesso em: 01 jun. 2021.
- DAUZAT, Albert. *Les noms de lieux*. Origine et évolution. Librairie Delagrave, Paris, 1947.
- DICK, Maria Vicentina do Amaral. Método e questões terminológicas na Onomástica. Estudo de Caso: Atlas Toponímico do estado de São Paulo. *Investigações – Lingüística e Teoria Literária*, Recife/UFPE, v. 9, ano XII, p. 119-148, 1999.
- DICK, Maria Vicentina do Amaral. *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990a.
- DICK, Maria Vicentina do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1990b.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Portal Cidades@*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Vários acessos.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Biblioteca IBGE*. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>. Vários acessos.
- LOGNON, Auguste Honoré. *Les noms de lieu de la França*. Leur origine, leur signification, leurs tranformations. Ed. Champion, Paris, 1920. Disponível em: <https://archive.org/details/lesnomsdelieude101long>. Acesso em: 17 fev. 2021.
- RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudanças*. 2008. 549f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2008.
- RODRIGUES, Adriano José Dias. Novo Planalto – GO (décadas de 1950 e 1960): história e memória. In: Anais do X Seminário de Pesquisa da Pós-graduação em História (UFG/PUC-GO), 6-7 nov. 2017; Goiânia. UFG/PUC-Goiás, 2017. p. 36-49. Disponível em: <https://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-historia/publicacoes/seminario-de-pesquisa-da-pos-graduacao-em-historia-puc-goiasufg/>. Acesso em: 26 fev. 2021
- SAPIR, Edward. Língua e ambiente. In: *Linguística como ciência*. Ensaios. Livraria Acadêmica, p. 43-62, 1969.
- SOUZA, Gleisson Santana de. *Análise de resiliência do assentamento Margarida Alves – Nova União-RO*. 2018. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Agronomia) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Pontão, 2018.

Recebido: 19/3/2021

Aceito: 1/3/2022

Publicado: 19/4/2022